

## **TORÉ: Ritual de Louvor e Gratidão para os Xucuru- Kariri.**

Maria Aparecida Oliveira dos Santos\*

José Adelson Lopes Peixoto\*

Este trabalho tem como objetivo discutir a prática do toré como uma dança de maior valor para os Xucuru- Kariri, pois é através do canto que eles exprimem sentimentos de louvor, gratidão, preces e comemorações como contributos a preservação de seus traços culturais, crenças e valores transmitidos de geração e geração. Um povo que sofreu com a perseguição forte do colonizador que buscava índios para escravizar e para abolir suas raízes mesmo assim lutou para não deixar sua cultura acabar e nem o não índio fazer parte dos seus rituais que é uma das maiores vivências sagradas para os povos indígenas. A ação é embasada em estudos bibliográficos, nas obras dos autores Clarice Mota, Christiano Marinho, Cristina Moreira, Adelson Lopes, Tiago Silva, que fazem estudos nessa área. Ressalta-se que o toré é uma dança ritualística que acontece em vários momentos podendo ser realizado publicamente, tendo a participação do não índio e também pode ser limitado ao espaço sagrado do Ouricuri, onde há interdição aos não índios, por ser um lugar sagrado de onde vem à força e orientações espirituais é um momento de construir laços de amizade e unir cada vez mais os povos indígenas em suas determinadas aldeias e contemplarem sua essência pela fé. Contudo percebe-se a importância dos Xucuru-Kariri preservar sua identidade e passar para as futuras gerações manterem sempre viva sua marca de origem.

**Palavras-Chaves:**Índio. Ritual. Traços Culturais.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Com o processo de colonização no Brasil causado pela cobiça dos europeus gerou um inquietamento em alguns grupos indígenas do nordeste brasileiro, neste episódio foram várias as perdas de algumas práticas tanto religiosas como culturais, desde a proibição de seus costumes, rituais e o uso da língua nativa, além disso, sofreram também com a imposição do cristianismo, onde muitos índios tiveram que abandonar sua identidade para poderem ser bem vistos pela sociedade. Por serem vistos como selvagens pelo homem branco, muitos povos indígenas foram submetidos ao trabalho doutrinário, mão-de-obra escrava e a se adaptarem ao

---

\* Graduanda em História e membro do Grupo de Estudos de História dos Povos Indígenas de Alagoas – GEHPI-AL na Universidade Estadual de Alagoas – Campus III – Palmeira dos Índios. E-mail: [aparecida.oliv.92@gmail.com](mailto:aparecida.oliv.92@gmail.com)

\* Mestre em Antropologia e em Ciência da Educação. Especialista em Programação do Ensino de História e Licenciado em História. Atualmente é Professor Assistente na Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: [adelsonlopes@hotmail.com](mailto:adelsonlopes@hotmail.com).

cristianismo, toda essa implantação mexeu com a vida dos povos indígenas e só através da fé no sagrado que eles conseguiram lutar e permanecer com sua marca de origem.

Os povos indígenas do nordeste brasileiro foram os que mais sofreram com o avanço da civilização, por conta que suas práticas culturais e religiosas eram vistas pelo colonizador, como prática demoníaca e por isso muita índios deslocou-se de suas terras e cruzaram os sertões em busca de refúgios e tranquilidade. Um exemplo disso pode ser observado no município de Palmeira dos Índios alagoas, que abriga o povo Xucuru-Kariri que são oriundos dos Kariris da Bahia, (as tribos do Médio e Baixo Rio São Francisco), que se deslocaram para Alagoas no intuito de fugir da ameaça forte do colonizador e permanecerem intactas suas tradições, que foram no início rejeitado pelo homem branco.

A comunidade Xucuru-Kariri por ter sofrido muito com a perseguição forte do colonizador, nunca desistiram de preservar seus traços culturais, crenças e valores e um exemplo disso é o ritual do toré que hoje é um dos maiores momentos simbólicos para as etnias é para os Xucuru-Kariri. É uma dança ritualística, circular marcada por fortes pisadas com o pé direito e que é caracterizada como marca identitária dos povos indígenas.

### **Múltiplos Olhares Sobre o Toré dos Xucuru-Kariri.**

A dança do toré tem um significado especial para os Xucuru-Kariri, pois é através da dança e do canto que exprimem sentimentos de louvor, gratidão e devoção com seu grupo e seus antepassados, ou seja, momento notifica que acontece no Ouricuri espaço sagrado para os povos indígenas e por ser um folguedo onde no momento de alegria eles dançam para agradecer e realizar seu ritual. Onde Clarice Novaes da Mota enfatiza que:

Neste trabalho eu passo a pensar o toré como invenção grupal, como uma forma de essas sociedades se contemplarem sua existência pela fé, não necessariamente religiosa, mas fé no grupo enquanto uma comunidade étnica oriunda das tribos pré- colonização. Percebo o toré, ao interpretar os textos nativos sobre o mesmo e suas performances, como uma tomada de consciência do grupo como algo separado, imutável e indestrutível, que é legitimado por tais performances que acreditam ter sido uma herança dos antepassados. (MOTA, 2005, p. 174).

De acordo com a citação a autora nos mostra que o toré é uma forma de se contemplarem sua existência pela fé, é um momento de entrar em contato com seus antepassados é uma ocasião de construir laços de amizade e unir cada vez mais os povos indígenas em suas determinadas aldeias e é uma forma de preservar para as futuras gerações manterem sempre viva sua marca de origem.

O toré recebe denominações específicas sempre acontecendo em forma circular giratória, onde com o som dos maracás os mesmos sentir-se felizes por aquele momento, essa coreografia é muito significativa para os Xucuru-Kariri e acontece na aldeia em vários tipos como enfatiza Moreira, Peixoto e Silva.

- Toré de **roda** que significa união do grupo entre si e com os outros. Nesse toré, os índios demonstram que independentes da situação ser de dor ou de alegria, eles estão juntos e firmes nos seus ideais.
- Toré **cruzado** representa o amor em todos os seus sentidos. Para a comunidade não índia, é visto como uma espécie de ritual que antecede a prática do sexo.
- Toré da **lança** significa guerra e é executado em momentos conflituosos como forma de buscar ajuda dos deuses para conseguir êxito em batalhas.
- Toré do **búzio** é um momento muito introspectivo do grupo, pois significa um momento de profundo contato com suas entidades espirituais.
- Toré da **corrente** simboliza as alianças firmadas com todos aqueles que valorizam e respeitam a cultura indígena...
- Toré de **passarinho** representa um dos maiores valores do ser humano, a liberdade.
- Toré da **chuva** significa a grandeza de Deus, o seu poder de gerar e manter a vida, de renovar a paisagem e de renovar o espírito de ser humano. (MOREIRA, PEIXOTO, SILVA, 2011, p.52-53).

De acordo com a citação percebemos que os Xucuru-Kariri participam de sete tipos de torés e que são de grande relevância tanto para a aldeia como para a vida espiritual dos índios, pois os caracterizam como nação indígena e uma forma de contemplarem sua essência pela fé e a certeza de manter sempre viva a cultura para as futuras gerações passarem em diante.

O toré dos povos Xucuru-Kariri é uma simbologia que dá força, coragem e sentimento de união para com o grupo, onde através do canto, das fortes pisadas nos pés e dos instrumentos como o maracá que é utilizado no momento eles agradecem as suas entidades por aquela ocasião ritualística. Como enfatiza Neves.

O toré Xucuru é dançado em fila indiana, formando um círculo. Um pequeno grupo de seis homens coloca-se à frente do círculo espiralado. O bacurau, que faz parte desses pequenos grupos, é responsável pelo início de cada canção do toré. Outros "puxadores" o acompanha com o maracá, instrumento de percussão chocalhante, que ajuda a ritmar as músicas. Os

demais, tanto homens, como mulheres ou crianças, acompanham esse primeiro grupo. (NEVES, 2005, p.133).

De acordo com a citação podemos perceber como acontece o ritual do toré dos povos Xucuru-Cariri, dança essa de grande importância e de um sentimento de gratidão e de louvor para com seu povo, onde com o acompanhamento do maracá instrumento usado durante o ritual, pois ajuda nos ritmos das músicas e no momento da cerimônia.

O toré como se percebe é algo significativo para os Xucuru-Cariri, por ser um ritual que foi deixado pelos seus antepassados, que apesar de terem sofrido com a perseguição forte do colonizador conseguiram permanecer e adotar essas práticas que é uma tradição religiosa, um folguedo onde no momento de alegria eles dançam para agradecer e realizar seu ritual, toda essa devoção encontramos também presentes em outras aldeias com os povos Truká.

O Toré, pra nós abaixo de nosso pai Tupã, é a nossa ciência, a nossa sabedoria, que todas as mensagens e as dificuldades que a gente passa, nós temos que chamar os mensageiros de Luz. Nós temos muita fé primeiro no nosso pai Tupã, segundo nos Encantados que nós guia. O Toré, o Carua e o nosso maracá é a nossa ciência. E aqui a onde nós aprende a nossas rezas, nossos costumes. O toré pra nós é que nós ensina tudo. Não só aqui, como em todas as aldeias. Cada uma tem a sua ciência e em modos diferentes. É uma ciência que não podemos passar pra ninguém. Porque se nós passar, a aldeia deixa de ser aldeia, ai nós não temos mais ciência (DONA LOURDES TRUKÁ *apud* GERLIC 2011, p.28).

Os Xucuru-Cariri observa o toré como uma simbologia que lhes trás a força, sabedoria, a cura, é um momento de aprender seus costumes, ou seja, igualmente aos dos povos Truká que é visto como o ponto auto cultura indígena e que ninguém pode passar para ninguém o que acontece.

### **TORÉ: performances e folguedo de um povo.**

O toré é um ritual simbólico, que serve para expressar a identidade do individuo no grupo, pois o mesmo é a ligação com o sobrenatural, o sagrado, a cura e que através dele se encontram para agradecerem a seus encantados pelo momento, alegria e coragem para vencer o mundo fora da aldeia, sociedade essa que ainda

vive a mercê do preconceito que tanto prejudica a vida dos povos indígenas no Nordeste brasileiro.

O toré como “performance cultural” dos povos indígenas é de grande importância para o grupo uma vez que eles depositam toda sua fé no sagrado e durante os festejos, ou rituais, no momento do rito apresentam características inconscientes passando a ter performance diferentes e isso acontece de acordo com a ocasião, pois para (NEVES, 2005, p.130-131) “performance é um conceito interdisciplinar que serve não apenas para o estudo de sociedade ditas complexas, mas também para as chamadas tradicionais”

Nesse contexto o toré apresenta no ritual varias mudanças sociais, cultural e características que lhes denominam como sociedade étnica, tomando ensinamentos que foram deixados pelos seus antepassados para perpetuarem para as futuras gerações onde através do mesmo o individuo passa a refletir sobre sua história e sobre o mundo como cita Turner,

O ritual é um momento importante de reflexividade do grupo, pois durante o ato performático o sujeito é capaz de refletir sobre si e sobre o mundo. Portanto, o ritual é uma performance transformadora, em que se revelam importantes classificações, categorias e contradições do processo cultural.(TURNER *apud* NEVES, 2005, p.130)

De acordo com Turner percebe-se que através do ato performático individuo entra em contato com seus antepassados e fica mais próximo para refletir sobre seu grupo e sua identidade e essa classificação é suma importância para a categoria cultural dos povos indígenas.

No momento da dança do toré percebe-se a performances como um comportamento intensificado, onde contém aspectos ritualístico, repetições de ritmos e que através desses movimentos procuram compreender os gestos, a fala, cheiro como enfatiza Neves.

O rito, quando visto através da performance, adquire um aspecto afetivo e, portanto é, preciso procurar nele todos os sentidos presentes: os sons, a fala,a cheiro, etc. ou seja, o rito deixa de ser apenas cognição, na qual se ressalta a mensagem, para torna-se uma experiência multidimensional e multivocal. (NEVES, 2005, p.131).

Como enfatiza a autora percebemos que o ritual do toré enquanto performance tem aspectos afetuosos que nos chama atenção por conta de seu sentido, além disso a mesma proporciona múltiplas dimensões e pode acontecer em campos variados, ou seja, fora da aldeia e ter diversos focos.

O toré é uma dança ritualística que acontece em três momentos, folguedo este envolvente através do bailado, da performance simbólica. No primeiro momento o rito acontece no Ouricuri, espaço sagrado reservado apenas para os povos indígenas, momento esse de cura e libertação onde o não índio pode entrar e não saber o que acontece no ritual. No segundo momento ele acontece na aldeia em forma de apresentação onde o não índio pode entrar na dança. No terceiro momento é um folguedo em forma de brincadeira que acontece fora das aldeias em festa públicas para se apresentarem para os não índios.

Ao se apresentarem aos não índios os mesmos passam a divulgar essa marca identitária que é visto hoje na sociedade, um dos folclores que faz parte da cultura brasileira, e ao se apresentarem não correm o risco de perder sua analogia, pois como enfatiza (MOTA, 2005, p.180) “O toré de brincadeira é aquele que pode apresentar ao mundo de fora- os turistas e estrangeiros-, porque não implica perda do seu direito a um segredo tribal.”

Nesse contexto cultural, percebem-se vários tipos de modalidades que sucede o toré, como toré de roupa, e o de búzios, os mesmos acontecem não para deixar a dança mais bonita e sim por ser um ritual e tanto com roupa ou com diferentes trajes a mesma tem o mesmo significado, pois o que importa para os povos indígenas e em especial os Xucuru-Cariri é dançar e cantar com fé e devoção o toré é sempre manter viva sua originalidade como enfatiza Mota.

Existem duas modalidades de toré. O chamado “toré de roupa”, simples forma de lazer, que recebe este nome porque os dançarinos não tem de usar qualquer indumentária especial, podendo participar da brincadeira em trajes comuns entretanto, há também um toré mais ritualizado, que precede o ouricuri, mas que ao contrario deste, não é secreto. Como não foi dito diversas vezes, o “toré de búzios”, como é chamada esta forma mais elaborada de dançar, “faz parte do segredo, mas não é o segredo: quando dança o toré, a gente lembra do ouricuri”. Por ser, ainda uma dança em que as pessoas se apresentam “travestidas” de índios, de acordo com o modelo criado e legitimado pela sociedade nacional, tornou-se um dos símbolos étnicos acionados pelo grupo quando este necessita reforçar sua identidade índia, ou quando precisa ser “índio para branco ver” (MATA *apud* MOTA 2005,p.182-183).

De acordo com a citação percebe-se a existencia de dois tipos de toré que fazem parte da vida dos povos indígenas e dos Xucuru-Kariri, onde recebe este nome porque os índios se vestem para abrilhantar as apresentações, fazendo parte do sagrado na qual chama de ouricuri espaço reservado para os índios, para realizarem seus rituais e é momento também de agradecer as suas divindades pelas boas coisas na aldeia.

### **TORÉ: ritual sagrado no 'ouricuri'.**

O ritual cadenciado do toré, prática essa envolvente dos povos indígenas, além da apresentação na aldeia e para os não índios a mesma sucede no mundo sagrado denominado de 'ourucuri', que foi sistematicamente combatido pelo homem branco, e por conta disso passou a serem praticadas as escondidas, antes de ser totalmente secreto e é através do santo ouricuri que os índios prestam sentimentos de louvor e gratidão com seus antepassados, pois este ritual continua sendo uma das maiores vivencia sagrada para as comunidades indígenas e em especial os Xucuru-Kariri, ritual que vem a força e a proteção para a aldeia.

O ritual do ouricuri ocorre quase semanalmente e no mesmo tratam-se de doenças e celebram a vida e a morte e acontece em partes na aldeia, onde o não índios pode entrar e nem o índios desaldeado e além disso só pode participar do ritual aqueles membros que estiverem em dia com suas obrigações, e antes de entrar em contato com suas divindades pois o corpo fica frágil a doenças como ressalta (SILVA, 2003) "por se tratar de um espaço sagrado, deve-se respeitar algumas regras: a interdição de relações sexuais e a não ingestão de bebidas alcoólicas em período anterior e posterior ao ritual". Ou seja, devem-se seguir essas regras para não se prejudicar e ficar frágeis a doenças.

Na comunidade Xucuru-Kariri o ritual do ouricuri é o centro do universo, acontece no terreiro da Mata da Cafurna, pois tem uma área particular pronta para a realização do evento, onde nenhum branco pode entrar e nem saber o que acontece no momento por um lugar sagrado onde há tipo de comunicação entre eles que está preservado dentro do ouricuri, um código para entrar em contato com o sobrenatural, pois a única coisa que definem eles índios são os seus rituais. Esse evento é

sempre marcado pela presença de varias pessoas, porém entre elas se encontra o pajé por ser a figura central no momento do ritual.

Vale ressaltar outra referencia de grande importância no ritual do ouricuri, o papel da jurema conhecida no ritual por (Mimosa hostilis), bebida típica dos povos indígenas, preparada em forma de vinho e é servida no momento do ritual, a mesma está presente no Ouricuri dos povos Xucuru-Kariri. Durante o ritual os índios reunidos enjerem essa bebida, e é o principal elemento destacado no Ouricuri, tendo um papel muito complexo no ritual, uma vez que a jurema é uma planta com poder de proporcionar o acesso ao mundo espiritual.

### **Considerações finais**

O toré tem um significado embrematório da etnicidade, da cultura e religiosidade dos povos indígenas, caracterizado por músicas, danças ritualísticas, ingestão de bebidas como a jurema que proporciona acesso ao mundo espiritual, onde cada característica tem seu valor onipotente. Além disso, analisamos o toré em vários tipos de comunidades indígenas cada qual com seu tipo de toré ritualizado, ou seja, cada grupo étnico possui seu tipo de toé e passam essa experiência aos demais grupos da aldeia.

Ressalta-se que hoje toda essa cultura, foi discriminada pelos colonizadores e até por nossa sociedade, ou seja, antigamente foram proibidas de ser praticada, aonde essa etnologia gerou a perda de varias culturas como a língua nativa, religiosidade, pois eram vistas como coisas demoníacas, que trazia má influencia para a sociedade, porém através dessa disputa e com fé no sagrado os povos indígenas conseguiram permanecer intacta sua marca de origem.

Está dinâmica ritualística do toré ainda vive na invisibilidade social, ou seja, o mesmo passou a ser mais de forma secreta, para poderem os não índios fazer parte dos rituais, ou seja, ainda hoje em sociedade vive essa invisibilidade da cultura indígena é apresentado ao publico de fora é vista com outros olhos, como coisa exótica e que não faz parte da cultura identitaria do Brasil.

Contudo esse universo ritualístico permite uma relação com a população envolvente, para parti daí as futuras gerações sentirem orgulho de ser índio, perceber seu valor incalculavel que tem na sociedade, ou seja, toda a sociedade tem o livre arbítrio para viver e ser feliz, dependendo da raça ou religião que exerça.

Portanto, apesar dos Xucuru-Kariri ter passado por um processo histórico marcado por forte influencia do colonizador, mesmo assim adquiriram forças e fé no sagrado, para suprir esse processo de invisibilidade marcada pelo preconceito, para mostrar à humanidade a contribuição dessa cultura étnica para a sociedade miscigenada.

### **Referencias:**

Gerlic, Sebastián (Org.) **Índios na visão dos índios: Somos Patrimônio**. Salvador: Thydêwá, 2011, 1º edição

GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **Toré: regime encantado do índio do Nordeste**.- Recife: Fundaj, editora Massangona, 2005.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima. PEIXOTO, José Adelson Lopes. SILVA, Tiago Barbosa Da. **Mata da Cafurna: Ouvi Memória, Contar História: Tradição e Cultura do Povo Xucuru- Cariri Maceió: Edições Catavento, 2010. 104p.**

MOTA. Clarice Novaes Da. **Performance e Significações do Toré: O caso dos Xocó e Kariri-Xocó. Regime encantado do índio do nordeste** organizador: Rodrigo de Azevedo Grunewald. \_ Recife: Fundaj, editora Massangona, 2005.

NEVES. Rita de Cássia Maria. **Identidade, Rito e Performance** no Toré Xucuru. Regime encantado do índio do nordeste organizador: Rodrigo de Azevedo Grunewald. \_ Recife: Fundaj, editora Massangona, 2005.

SILVA, Cristiano Barros Marinho Da. **Índios do Nordeste: Temas e Problemas 5: Vai- te pra onde não canta galo, nem boi urra... Diagnóstico, Tratamento e Cura entre os Kariri- Xocó: Organizador Luiz Sávio de Almeida. – Maceió: EDUFAL, 2004. Xxii, 123p. : il.**

